

CONGADAS: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E OS AUTOS DE FÉ: UM BREVE OLHAR SOBRE AS TRADIÇÕES POPULARES PELO BRASIL

Marcos Manoel Ferreira¹

Resumo: neste artigo, buscamos refletir um pouco acerca do universo dos festejos populares pelo Brasil, o que resulta os componentes culturais e religiosos, interpostos em meio às tradições, que permeiam o folclore regional — suas crenças, religiosidades, procissões, cortejos e o imaginário popular dos devotos e partícipes dos inúmeros autos de fé. Ademais, valer-se, não somente da força histórica e o legado das raízes africanas, na cadência dos congos — Congadas —, sua estética nas manifestações congadeiras, em louvor à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, mas também, dos registros, que refazem o caminho destes folguedos, sua história, interpretações e resistência. Essas tradições culturais e populares contribuem para a formação de uma consciência coletiva e novos sujeitos, além da interculturalidade, a simbiose dos elementos étnicos, religiosos, constitutivos desses festejos. Tal cenário corrobora para a construção de uma sociedade mais esclarecida, tolerante, multicultural, abarcando ritos, simbolismos, elementos imagéticos, dentro de uma mesma dinâmica cultural e social. Contudo, preservam-se suas características específicas e suas subjetividades. Essa diversidade está presente nas manifestações populares, nos festejos religiosos, que celebram o ecumenismo, o ecletismo, o sincretismo, o sagrado e o profano, o que mantém a essência originária de suas fontes e raízes.

111

Palavras-chave: Manifestações Populares. Cultura. Congadas. Festejos. Autos de Fé.

Abstract: our work will have as the basis the pursuit of the understanding of the devotes about the syncretism, living in the religious and cultural contexts of the popular parties to Nossa Senhora do Rosário, in the Congada of Catalão. We will establish a dialogical approach that allows us to understand the experiences of the subjects involved in this process and their relations in the imagery, esthetic and religious universe of the event. Aiming the elaboration of a scientific study, based on ethnographic, religious and cultural historicism, trying to comprehend according to the perspective of the individuals of the Rosary, weather there are the clarity and the conscious of the syncretism expressed in the celebrations and other constituent rites.

¹ Pedagogo, pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com *Habilitação em História da Educação Brasileira*; *Historiador*, pelo Claretiano Centro Universitário, Pós-Graduado (Especialização) em História e Cultura Afro-brasileira e Africana; Mestrando em História – Cultura, Religião e Sociedade – pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Professor, poeta, escritor e palhaço voluntário de hospital. Colabora com artigos de opinião, poesias e crônicas nos jornais *Diário da Manhã*, *Jornal Opinião Goiás* e *Folha de Caiapônia*. “FLORES E ODORES”, poesias líricas, políticas e críticas, publicado em 2017 (1ª. Edição), 2019 (2ª. Edição) foi seu sexto livro. O primeiro “DESPERTAR”, poesias diversas, 1999; o segundo, “FRAGMENTOS”, artigos de opinião e crônicas, publicados em alguns jornais da capital, 2011; o terceiro, “ELZA”, poesias líricas, 2013; o quarto, “O MUNDO EM FOCO” – Um breve olhar sobre os séculos XX e XXI, atualidades, didático, 2013 1ª. e 2ª. edições; 2014 3ª. e 4ª. edições; sendo a 5ª. edição em 2015 e o quinto, “HONORÁVEIS CANALHAS”, poesias políticas, críticas, em 2015. Vencedor do 2º. Concurso Literário Deriva, 2018.

In front of the diversities, the richest cultural and religious pluralism in our country, fruit of the syncretism and eclecticism, not just the legacy of a multiracial people, but the Christianity, the African related religious, religiosities, Africanity and millennial traditions. The folklore and the religiosity present in the tradition, as well as the roots of Congo, Angola, Mozambique and other parts of Africa.

Keywords: Popular Party. Tradition. Religion. Syncretism. Africanity.

INTRODUÇÃO

Tencionamos apresentar neste artigo, um Brasil de fé, atestado de manifestações religiosas, populares e suas tradições, crenças e folguedos. Primamos, nesse universo patente pela diversidade cultural e étnica, as Congadas nos festejos em louvor à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Uma reflexão histórica acerca de suas raízes, significados e as celebrações afro-brasileiras — Congada —, no contexto da grande *Festa do Santo de Preto* (BRANDÃO, 1985), seus aspectos estéticos e ritualísticos.

Registros apontam que alguns folguedos originados do outro lado do Atlântico, no Brasil, tornaram-se patrimônio cultural imaterial, incorporando novos elementos folclóricos e sagrados. No processo das transformações sociais, políticas, econômicas, nas regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, as congadas foram, inicialmente, “coisa” de preto e instrumento de resistência. Em seguida, celebrações públicas, pluriétnicas e ecléticas, com relevância em terras mineiras² e goianas.

Nossas fontes, referências teóricas e empíricas nas celebrações, nas quais embasamos nossos registros, são pesquisas de importantes folcloristas, antropólogos, historiadores, africanistas, estudiosos das festas populares, as quais estão inseridas por todo Brasil. Abordagens na perspectiva da — História Oral, Regional, Cultural —, determinantes para a elaboração de alguns conceitos teóricos e reflexões, acerca da importância destas tradições culturais. Buscamos compreender, ainda, as subjetividades no contexto destas celebrações e a vivência empírica dos sujeitos nos meandros da religiosidade popular. Nesse entendimento, segundo (BARROS, 2019, p. 134), “a fonte histórica é aquilo que coloca o historiador

²Segundo um levantamento feito pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), somente no estado de Minas Gerais, 701 festas do Rosário são realizadas atualmente, nomeadas também como congado, congo, reinado e, como já foi mencionado, congada, podendo receber ainda outras denominações. (MORAIS, 2019, p. 2).

diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo”.

A partir desse cenário, adotamos, como princípio metodológico, uma observação geral do cenário cultural, folclórico e do imagético popular brasileiro, ressaltando sua importância na dinâmica social e religiosa, suas influências e seu legado. Para que nossos apontamentos atendam uma ordem cronológica básica, procuramos nos pautar, para alguns conceitos — povo, cultura popular, tradição — basilares, que consubstanciam nossas fundamentações.

Nessa direção, segundo (TYLOR, 1871) apud (LARAIA, 2000, p. 25), “[...] tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Dinâmica social, estabelecidas nestas interrelações étnicas e populares, vão moldando as tradições e seus fundamentos.

As percepções e releituras, que possam revelar/reforçar novos conhecimentos, frente aos componentes culturais de diferentes povos, que mais convergem e dialogam entre si, no contexto das tradições e os autos de fé, do que divergem, ou distanciam. Percebemos os elementos presentes no congado, suas estruturas, como possibilidades para o direcionamento, compreensão da proposta aqui apresentada em suas manifestações.

O referencial teórico-metodológico e conceitual de sincretismo presente neste artigo, ainda que a propedêutica aponte para algumas direções, busca elucidar a propositura inicial, que constitui o cerne desta reflexão. Portanto, se — existe ou não — a percepção por parte dos devotos e partícipes da Festa do Rosário, na Congada de Catalão, acerca do sincretismo intrínseco nos festejos, evidenciam até aqui, visões e entendimentos conflitantes. “Arte e religião constituem fenômenos difíceis de separar, tanto pela atitude de contemplação mística existente em ambos como pela teatralidade do desempenho da liturgia” (FERRETI, 1998, p. 184). Nessa dinâmica cultural, tradições, procissões e comemorações dos santos, o sincretismo, por consequência, é uma das características centrais da festa religiosa e popular em Catalão.

Em virtude do rico patrimônio cultural que lograram conservar, as religiões negras, especialmente a partir dos anos 60, reencontraram-se com a sociedade brasileira no campo das artes, fornecendo à

cultura popular muito de seu repertório, que é convertido em arte profana para o consumo das massas, ganhando, em troca, reconhecimento e prestígio (PRANDI, 1998, p. 155).

O acervo, Fundação Cultural Maria das Dores Campos e o Museu das Congadas, com uma infinidade de material iconográfico, pinturas de diversos artistas locais, fotografias de várias etapas e momentos dos festejos, dispõem de uma abundância de fontes e possibilidades para análises e pesquisas. Além de material audiovisual como documentários, vídeos populares e institucionais, educativos, bem como músicas e cantigas folclóricas e religiosas. As referidas fontes serão utilizadas para o aprofundamento da pesquisa, reflexões e estudo da dinâmica dos festejos, como orientação e fundamentação teórica, ilustração do trabalho final.

Outro componente essencial nesse processo investigativo será o trabalho de campo, fonte fundamental para coleta e análises de dados/informações. Momento de experiência empírica e vivência antropológica, participação direta e indireta na festa, rituais, missas, procissões e o contato com devotos, turistas, populares e organizadores. Segundo (OLIVEIRA, 1996, p. 22), nesses termos, o olhar e o ouvir são parte da primeira etapa de uma pesquisa, enquanto o escrever é a parte inerente à segunda. Adotamos como referências para nossas análises, reflexões e direcionamentos da pesquisa, entrevistas com os envolvidos nos festejos, dois questionários diferentes, aplicados aos organizadores e partícipes, utilizando-se gravador de voz, como meio para obtenção das informações concernentes aos elementos — religiosos, culturais — interpostos nas celebrações. As demais etapas da pesquisa, estão voltadas pelas leituras bibliográficas, visitas a museus e análises dos dados coletados. Os entrevistados, organizados e separados em **3 grupos distintos**, totalizando o número de **30 participantes**, selecionados aleatoriamente entre os componentes de cada grupo. Os participantes, dos **Primeiro e Segundo** grupos, serão escolhidos pelo grau hierárquico que possuem no processo de organização e de responsabilidade legal nas festividades — clérigos e dirigentes das Irmandades. No caso dos participantes do **Terceiro** grupo, devotos e partícipes domiciliados em Catalão.

De norte a sul do vasto território brasileiro, de grandeza continental e raízes pluriétnicas, podemos observar as influências, o pluralismo e a importância cultural dos festejos e folguedos. A religiosidade, crenças, o regionalismo, as lendas, a culinária, o cancionero, os tipos e personagens característicos de cada lugar —

vaqueiros, castanheiros, caçara, penitentes, jangadeiros — que permeiam as tradições e o imagético popular. Entendendo-se por imaginário, com a emergência da História Cultural, segundo (PESAVENTO, 2014), como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo. São encontros e misturas, resultando no multiculturalismo étnico e religioso. “A miscigenação ibérica, indígena e africana provocou o surgimento de identidades regionais próprias, e essas, integradas em seu tempo e realidade, possuiriam universalidade” (PFEFFER, 2013, p. 112).

NO REGIONALISMO CULTURAL E SUAS REPRESENTAÇÕES

Na região Norte, destacamos a menção a mitologia e aos mitos regionais mais populares, como de Jurupari, Anhangá; a pajelança, como nasceu o Amazonas, a vitória-régia, o guaraná, o segredo do uirapuru, a origem da mandioca, o boto, o nascimento da noite; danças como o carimbó, jacundá, lundu³, ciriri, folguedos e o boi-bumbá, que:

É o bumba-meu-boi do Pará e Amazonas, folguedo que se realiza em Belém e nos arredores, nas festas de São João [...]. É uma variante transparente do Bumba-meu-boi do Nordeste, que se exhibe no ciclo das festas de Natal, enquanto o Boi-bumbá paraense aparece durante o São João. Coreografia movimentada, desafios, saudações (CASCUDO, 2002, p. 70).

Como o Festival folclórico de Parintins, Amazonas; a Festa religiosa e a grande devoção na procissão marítima do Círio de Nazaré, o ritual do corpo na corda pelas ruas da capital — Belém, no Pará:

Desde a segunda década do século XVIII, com exibição de danças e cantos, bebidas e alimentos locais, pagamento de promessas na velha forma portuguesa, amortalhados, penitentes, transporte de botes com naufragos, ex-votos de cera, todos os elementos vivos que constituem a colorida romaria em Portugal. Dom Lucas C. de Moreira Neves: “O Círio de Nazaré, que não tem outro comparável em parte alguma do mundo, é a expressão da cultura, mas sobretudo da fé e do sentido religioso de todo um povo” (CASCUDO, 2002, p. 142, 143).

³Lundum, landu, londu, dança e canto de origem africana, trazidos pelos escravizados bantos, especialmente de Angola, para o Brasil. É um exemplo típico do fenômeno de difusão de uma manifestação folclórica (CASCUDO, 2002, p. 341).

No Nordeste, a mitologia e as credences, a reza brava; os folguedos — reisados e pastoris, os guerreiros alagoanos, o quilombo, vaquejada, o Maracatu Rural ou Baque Solto de Pernambuco, os caboclinhos, o afoxé na Bahia, a marujada, o bumba meu boi, especialmente o do Maranhão —, dentre outros. A presença marcante da religiosidade popular, nas inúmeras manifestações, Bom Jesus da Lapa, o traço sincrético interposto nas Festas de Nosso Senhor do Bonfim⁴, Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá, Bahia. O Candomblé, São Francisco das Chagas em Canindé e o Padre Cícero “Padim Ciço” em Juazeiro do Norte, Ceará. Nas danças, o coco, frevo, bambelô, bate-coxa, forró — xote, pé de serra, xaxado, baião —, os dois maiores arraiais de São João do mundo, Campina Grande, Paraíba e Caruaru, Pernambuco.

No regionalismo sulista, miramos, traços mais acentuados das influências europeias, principalmente a partir do século XIX, com o crescimento do fluxo da imigração europeia, em decorrência da abolição da escravidão em 1888. A mitologia na região sul, por exemplo, vinculada a personagens reais e fatores políticos, que marcaram as lutas e as grandes batalhas, criando heróis e heroínas; o universo lendário do surgimento da noite, do lagarto encantado, do Negrinho do Pastoreio, da Vila Velha, da Erva-Mate, etc. Os folguedos, o boi de mamão, congadas, farra do boi, entre outras. No que concerne aos aspectos da religiosidade, da devoção e da fé, cada grupo que vieram para o sul do país, das mais diferentes partes da Europa, mantiveram crenças estratificadas, que continuam presentes. O Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio, em Brusque, Santa Catarina, devoção à Nossa Senhora da Saúde, Caxias do Sul, Paraná, entre outras celebrações e religiões. Os cultos afro-brasileiros, possuem grande presença nas tradições religiosas sulistas, como na tradicional Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Procissão de barcos pelo rio Guaíba, conduzindo a imagem da santa, sincretizada no culto à Iemanjá, com entrega de flores e presentes para o orixá, lançados ao rio/mar durante a festa. Conforme:

⁴O Senhor Bom Jesus do Bonfim, na igreja de mesmo nome, bairro de Itapagipe, cidade de Salvador, Bahia, e centro de tradicional e popular festa em janeiro de cada ano, reunindo um número incalculável de pessoas que pedem graças, cumprem promessas ou apenas vão conhecer essa festa religiosa que já alcançou repercussão mundial. O Senhor do Bonfim é identificado como o maior dos orixás, iorubanos: Orixalá ou Oxalá. A lavagem das escadarias da Igreja do Bonfim, que acontece durante a comemoração da data, é realizada pelas filhas-de-Oxalá e constitui um grande acontecimento de fé e devoção (CASCUDO, 2002, p. 76).

[...] A Festa e devoção à Nossa Senhora dos Navegantes é um espaço sincrético de duas figuras femininas divinizadas, a Virgem Maria e Iemanjá. Além disso, apresentam os diferentes regimes de manifestação do sagrado, controvérsias e negociações entre os referidos devotos. [...] São abordadas questões relativas às controvérsias e à diplomacia entre as religiões afro-brasileiras e católica (PIEVE, 2013, p. 261-262).

Na região sudeste, a mitologia e as lendas, como Saci-Pererê, bicho-mamãe, a visão do linguado, vitória do santo, a senhora da glória, o gigante da pedra, etc. Os folguedos — congadas, folias e reisados, pastoris, Festa do Divino — e danças. De acordo com o antropólogo e folclorista:

[...] As comemorações do Divino Espírito Santo recebem várias denominações: Império do Divino, Festa do Espírito Santo, Festa do Coração, Folia do Divino. Sua representação e única simbologia é a pombinha branca, cultuada universalmente. A Festa é precedida por novena e ladainha, com a procissão das bandeiras e quermesse na praça, assistidas por uma multidão de devotos (CASCUDO, 2002, p. 198-199).

No Centro-Oeste, as tradições populares, os rituais indígenas na Festa do Javari, celebram os ancestrais e confraternizam entre outras nações indígenas do Xingu, a Serra Encantada — procura, fawcett, busca —; a mitologia e lendas fantásticas. Nesta região do Brasil, alguns folguedos são também, muito característicos no Sudeste. Em decorrência do processo de colonização no Centro-Oeste, a partir dos indivíduos oriundos de São Paulo e Minas Gerais, que introduziram tradições culturais e religiosas, como a Folia de Reis, a Congada, etc. Em Goiás, a Procissão do Fogaréu na quarta-feira Santa, o folguedo da Cavalhada⁵ corroboram os autos de fé e seus simbolismos. Em Goiás, a Festa do Divino no contexto das Cavalhadas, são realizadas em algumas localidades, entre os meses de junho a setembro. Destacando-se, as cidades de Posse, Santa Cruz de Goiás, Jaraguá, Pirenópolis — a principal —, Palmeiras de Goiás, Crixás, Hidrolina, São Francisco de Goiás, Santa Terezinha de Goiás, Corumbá de Goiás, Pilar de Goiás. Contudo, a Congada nos festejos do Rosário em Catalão, é outro significativo evento popular e religioso, conforme (SILVA, 2016, p. 49), “Os integrantes da congada de Catalão resgatam o universo lúdico da festa como um mito de origem ou a certeza

⁵No Brasil há duas modalidades. Uma delas faz o relato das lutas que ocorrem entre Carlos Magno e os Doze de França contra os mouros. Apresentam-se em campo aberto e realizam embaixadas simulando lutas, prisões, raptos, mortes, encerrando com o batismo dos mouros (CASCUDO, 2002, p. 124).

de que veio da África com os escravizados”. A diversidade de manifestações, transformam a região Centro-Oeste, em um respeitável palco de pluralismos, sincretismos e fé. O Cururu, Volta-Senhora, Marimbondo, Recortado, Serra Moreninha, Catira, além de outros folguedos também permeiam estas tradições regionais.

CULTURA POPULAR, FOLGUEDOS E OS AUTOS⁶ DE FÉ

O processo histórico e étnico na constituição cultural brasileira foi marcado pela diversidade e as inter-relações do triângulo atlântico, resultando na pluralidade de tradições, crenças, simbolismos e a sobrevivência de elementos singulares, característicos de cada povo, o que ficou perceptível a composição dos sujeitos e a formação de uma consciência coletiva, nestas manifestações populares e sincréticas.

Entre os inúmeros festejos tradicionais e seus folguedos, os congos ou congadas, se manifestam como grande legado africano e a resistência do povo preto. Que, através de suas danças, músicas, cores e o culto à — Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia — possuem papéis notórios no calendário popular e religioso brasileiro. Devoção, celebrações alegóricas, a alegria e a exaltação à liberdade, alusão ao sofrimento no cativo seus grilhões, o culto aos orixás⁷ e sua longa história de resistência e sincretismo. “Os africanos e afro-brasileiros impedidos de cultuar os orixás, valiam-se de imagens e referências católicas para manter viva sua fé” (JÚNIOR, 2013, p. 19). Nesse cenário, a Congada de Catalão, carregada de religiosidade e simbolismos, atua como elemento de agregação social, étnica e cultural, corroborando com (ALMEIDA, 2012, p. 22), “os aspectos centrais perpassam a compreensão do significado da Congada Nossa Senhora do Rosário como sistema ritual sincrético, que envolve o entrelaçamento de religiões, bem como a identidade e memória coletiva do grupo social”.

⁶Forma teatral de enredo popular, com melodias cantadas, tratando de assunto religioso ou profano, representada no ciclo das festas [...] congada ou congos etc. Desde o século XVI os padres jesuítas usaram o auto religioso [...]. O gênero popularizou-se [...] (CASCUDO, 2002, p. 29-30).

⁷Etimologicamente e em tradução livre, “divindade que habita a cabeça” (em iorubá, “ori” é cabeça, enquanto “xá”, rei divindade. São agentes divinos, verdadeiros ministros da Divindade Suprema (JÚNIOR, 2013, p. 29)

A escravidão no Brasil, colocou em contato, religiões diferentes, o culto aos santos católicos e as interposições dos orixás, como instrumento de resistência, vínculos e o legado com a terra natal, assimilando e trocando entre si elementos semelhantes de suas culturas. Enfrentando o racismo e a intolerância religiosa, os festejos de pretos — escravizados ou forros —, suas manifestações populares, que aos poucos, foram consolidando cultos e interculturalidade. As dificuldades para a realização das festividades, estavam por todos os lados e enfrentavam desafios severos, marginalizados por uma sociedade escravagista, católica e seus beleguins locais.

Sob o ponto de vista das autoridades governamentais, religiosas e dos senhores, as festas negras foram muitas vezes descritas como “folias”, “batuques”, “vozerias” ou “tocatas de preto”. Esses termos eram usados em debates políticos e na imprensa do século XIX para qualificar as diferentes manifestações festivas dos africanos e de seus descendentes. Alguns senhores viam com desconfiança as festas dos negros (VIANA, 2012, p. 48).

Ainda segundo (VIANA, 2012), por determinação das autoridades constituídas, locais, municipais, as manifestações deveriam ser realizadas à luz do dia. A exigência governamental era um instrumento de poder e controle, com a finalidade de se evitar os excessos e garantir a “moral” dos pretos durante os desfiles — realizados durante o dia, seria mais fácil para vigiá-los. Contudo, eles preferiam à noite, pois, teriam maior liberdade. Os olhares equivocados e preconceituosos, eviscerava a realidade colonial, imperial e dos que por aqui passavam. “A escuridão acabou por encobrir estes personagens, que não poderiam querer mais do que nela se confundir” (CASTELNEAU, 1843 apud VIANA, 2012, p. 50). Um “singular espetáculo” pontuado por “balbúrdia” e “extravagância”, afirmou ainda o naturalista (CASTELNEAU, 1843 apud VIANA, 2012, p. 50), em sua passagem pela cidade de Sabará, Minas Gerais.

A resistência e a devoção às suas raízes africanas, a adoção de Nossa Senhora do Rosário, como santa padroeira dos pretos, aos poucos vai se afirmando e se interpondo ao catolicismo popular, assimilando e interagindo elementos específicos de suas culturas. A multiplicidade, a ação cultural em si, na qual a sociedade está imersa, processo fundamental para a construção da identidade dos sujeitos, evidenciando a necessidade humana do sagrado, o imagético popular, constituindo a cultura de um povo. Nesta perspectiva:

Povo é o conjunto de pessoas que possui um modo de vida comum e habita o mesmo território, o mesmo país. O povo, muitas vezes, é confundido com as camadas menos favorecidas, tanto na área econômica, quanto na social e cultural. [...] O povo é sábio e tudo o que diz e faz contém grande sabedoria — sabedoria do povo — folclore (ORTENCIO, 1996, p. 12).

Essas manifestações populares, seus ritos e procissões; os folguedos e suas variantes regionais; os festejos, o misticismo, o sagrado e o profano; suas crendices e os saberes de domínio público — os quais, não se sabe ao certo, ou quase sempre, suas origens —, seus elementos constitutivos, nas mais diversas celebrações culturais. Segundo Cascudo:

O Brasil-Colônia absorveu as tradições culturais e religiosas dos indígenas e dos negros escravizados. Assim, suas crenças e divindades acabaram fundindo com os santos católicos, num sincretismo religioso. Cerimônias de pajelança, terreiros e roças se associam às festas católicas de caráter popular (2002, p. 170).

A interculturalidade, simbolismos, os sujeitos manifestos nestas festividades, a simbiose cultural afro-brasileira e a religiosidade, suas singularidades e as subjetividades locais, geográficas e históricas, evidenciando as influências e o pluralismo cultural, a tolerância religiosa, marcantes em meio às diferenças, suas representações litúrgicas, teológicas e as diversidades étnicas. Manifestações profundas, congadas, autos de fé, o catolicismo popular, candomblecismo, umbandismo, devoção, festejos dançantes, coreografados, tradições populares, sempre em transformação, absorvendo, incorporando novos componentes e suas influências. Conforme podemos observar:

A cultura congadeira subsidiada pelas cantigas, pelas rezas, coreografias, ritmos, cores, celebrações das mais diversas ordens, contam e cantam coisas também antigas, de guerras, de lutas, de batalhas, de fé. [...] Estas práticas culturais com as suas festas, suas danças, seus cantos e mais propriamente com o ressoar de seus tambores igualmente enunciam uma mensagem que não só aquela de tristeza, de rebelião ou de fé (BRASILEIRO, 2016, p. 22).

Manifestações resultantes das práticas culturais, na dinamicidade do processo de transformações históricas e tradições, no contexto da contemporaneidade. Em consonância com (LARAIA, 2000, p. 70), que afirma ser “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”. As considerações e

contribuições conceituais de povo, cultura, folguedos, fundamentadas na antropologia, História Cultural, Oral, perpassando — direta ou indiretamente — por outras ciências e áreas afins.

Dessa forma, os princípios basilares para a compreensão dos aspectos constitutivos das Congadas, no contexto das celebrações em louvor à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia pelo Brasil, constitui-se no foco principal deste artigo. O culto manifesto nas celebrações, como expressão de tradições e fé dos partícipes envolvidos, suas representações, transcódificações simbólicas, a dinâmica ritualística, estética, no universo cultural popular e religioso. Ou seja:

Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto, já um significado e uma apreciação valorativa (PESAVENTO, 2014, p. 15).

121

A relevância histórica e cultural dos povos de Angola, Mali, Congo, Benin, Togo e todas as suas contribuições, dentro de um processo sincrético e latente, estão presentes nas tradições brasileiras. A ocorrência do contato direto do — branco europeu e o preto africano — em fins do século XIV, intensificaram a atividade comercial escravocrata: ação recorrente no continente africano, antes mesmo da proximidade com os portugueses e os anseios mercantilistas.

A partir do século XVI em Pernambuco, iniciava-se uma lucrativa e desumana atividade econômica, fomentando a mais perversa das práticas humanas, a escravidão. Descortinava um panorama comercial lucrativo, pautado na compra e venda de seres humanos. Comércio rentável, alicerçado na injustiça, na violência e no racismo, na escravidão preta, de desterrados, vítimas do senhorio cristão europeu. Sob o tinir dos grilhões, desembarcaram no Brasil aos milhares e, com eles, além da dor do exílio, a Diáspora africana e o banzo da terra mãe. Assim:

A partir de meados do século XVII os europeus aperfeiçoaram ainda mais seus métodos de trabalho. Os principais motivos de sua prosperidade foram a exploração da mão de obra africana e seus

empreendimentos nas Américas. [...] O tráfico de escravizados africanos para o Brasil ocorreu do século XV até meados do século XIX, quando caiu na ilegalidade. Incluiu a chegada gradativa de homens e mulheres provenientes da costa ocidental da África, do atual Senegal até a Angola, e também do contra costa, principalmente no período do século XVII, em que os angolanos estiveram sob o domínio da Holanda (LOPES, 2008, p. 33-49).

Registros indicam a existência de organizações de pretos em Confrarias do Rosário⁸ — em referência à Nossa Senhora do Rosário —, Irmandades no Nordeste brasileiro, que a:

Exemplo do catolicismo herdado do período colonial, as confrarias eram associações corporativas organizadas por leigos e sediadas nas igrejas. [...] Assim, ao longo do século XIX, ainda existiam irmandades preponderantemente ligadas a comerciantes ou negociantes e seus dependentes, como também irmandades de “pardos” e “pretos”. [...] Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, que atraíam os descendentes de africanos em todo o Império (VAINFAS, 2008, p. 390).

Outros importantes estudos corroboram o papel das Irmandades e o quanto contribuíram — ainda que idealizadas pelos brancos — no processo de união, resistência e o fortalecimento entre os afrodescendentes, que possibilitavam entre outras ações, a ajuda financeira aos mais desprovidos, por exemplo. Ou seja:

As irmandades eram associações religiosas que permitiam aos negros se reunir de modo relativamente autônomo em torno da devoção a um santo católico. Espalhadas por diversas áreas do Brasil escravista desde o século XVII, as irmandades eram locais em que se criavam laços de solidariedade e ajuda mútua entre seus integrantes (VIANA, 2012, p. 47).

O hibridismo do povo brasileiro — os indígenas, o branco europeu e o preto africano — resultando na pluralidade, diversidade étnica e cultural. Processo insidioso, marcado pelo paradoxo histórico entre o “progresso” e o discurso proselitista em “nome de Deus” — sob a égide da bíblia e da espada —, persuasivo e etnocêntrico. O sermão catequético, abrindo caminho e legitimando o genocídio cultural, físico dos povos indígenas e africanos. O sangue vertido em nome da fé católica sob o aval da coroa, do eurocentrismo lusitano, do metalismo pilhado e da balança comercial favorável, perpetuando abismos históricos e o racismo estrutural.

⁸A eleição de reis negros meramente titulares, a coroação deles, e as festas que proviam disso, Congos, Congadas, sempre até hoje se ligaram intimamente à festa, e mesmo à confraria do Rosário. Inda mais: as procissões católicas eram cortejos que lembravam ao negro os seus cortejos reais da África (Andrade, 1935 apud CASCUDO, 2002, p. 301).

Em consonância com (ALADRÉN, 2012), “A expansão do Império português, justificada pela propagação da fé católica [...]”.

Assim, (FREYRE, 2004, p. 66), afirma “A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África”. A colonização portuguesa cristã, Católica Apostólica Romana e as relações, triangulares — Europa, África, América — ponto de partida, para compreensão das influências religiosas e sincréticas no Brasil, sua política mercantilista, o tráfico negreiro e as ações imperativas escravocratas. Segundo:

Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de indígena — e mais tarde de negro — na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, quase nenhuma no português, cosmopolita e plástico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política (FREYRE, 2004, p. 65).

Dessa forma, a riqueza na perspectiva antropológica, cultural das “misturas” religiosas, o folclore, os folguedos, suas danças, festas populares, as tradições de cada povo — resultando em um universo multifacetado — o catolicismo popular, os rituais e simbolismos indígenas, as religiões de matriz africanas e o relativismo cultural. Os elementos sincréticos do candomblecismo⁹, do umbandismo e suas ramificações pelo Brasil, a macumba¹⁰, o vodu, a pajelança, o catimbó, os santos, os orixás, os caboclos, os pais de santo, os pretos-velhos, suas singularidades, subjetividades e interposições. O desenvolvimento de uma forte identidade dos afrodescendentes com suas raízes, a Congada como mecanismo de luta, frente às imposições religioso-culturais e a todo tipo de violência — física, moral, psicológica, religiosa — praticada pela Igreja e seus senhores, brancos, algozes e cristãos. Conforme (FREYRE, 2004, p. 398), “mesmo a relação bruta produzida pela escravidão não impediu que a cultura africana exercesse forte influência sobre a cultura desenvolvida na América Portuguesa”. Assim:

⁹Festa religiosa dos negros jeje-nagôs na Bahia, mantida pelos seus descendentes e mestiços. Lugar onde essa festa se realiza. Macumba, no Rio de Janeiro. Xangô, em Alagoas e Pernambuco [...] (CASCUDO, 2002, p. 103).

¹⁰1) Instrumento musical africano de percussão. 2) Candomblé, correspondente ao xangô pernambucano. Diz-se mais comumente macumba no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, e candomblé na Bahia. Macumba na acepção popular do vocábulo, é mais ligada ao emprego de ebó, feitiço, coisa-feita, muamba; é mais reunião de bruxaria que ato religioso, como o candomblé (CASCUDO, 2002, p. 347).

É confirmada a importância da Congada no Brasil pelos registros dessa festa em muitos Estados e em todas as regiões, essa festa permanece associada a louvor aos santos católicos, seguindo como centralidade a representação da figura do rei do Congo. Pelo grande número de componentes envolvidos nesta festa, leva-nos a crer que essa dramatização perfilou em muitos negros uma manifestação de resistência. [...] Ao reconhecer a cultura afro-brasileira, busca-se elucidar as tradições dos antepassados africanos expressas nessa cultura, nesse aspecto a congada é uma manifestação que se dá a partir de uma resignificação ligada aos elementos da musicalidade, da religiosidade e da expressão corporal africana, a preservação e manutenção das tradições é a mais forte expressão de resistência (FREITAS, 2016, p. 4-7).

A partir de 1850, com a vigência da Lei Eusébio de Queirós, proibindo definitivamente o tráfico de escravizados para o Brasil, foi peremptória no processo de redução do fluxo de entrada de novos cativos africanos no país, ocorrendo uma ruptura com as tradições africanas de forma direta, mas, não com a cultura dos afrodescendentes que viviam há gerações no país. No entanto, nesse processo, não era mais a cultura africana que se opunha à dos europeus e indígenas que viviam em terras brasileiras. Contudo, fazia parte de uma cultura que passou a ser desenvolvida nos trópicos desde que os primeiros africanos — iorubás, bantos, congoleses, nagôs, zulus, entre outros — desembarcaram em terras brasileiras. Nesse sentido, vale destacar que:

[...] não seria incorreto dizermos que já se tratava de um sincretismo cultural, uma ‘mistura’ da cultura africana com a cultura europeia e indígena em vários aspectos de nossa sociabilidade, desde a questão religiosa dos cultos e das religiões afro-brasileiras (umbanda, quimbanda, candomblé, macumba, etc.) até a influência linguística, passando pela influência alimentar, musical etc. As religiões afro-brasileiras, por exemplo, apresentam algumas similaridades com a cultura religiosa africana. Elas utilizam os terreiros como lugar do sagrado, e a cultura é transmitida, sobretudo, pela oralidade – não havendo um ‘livro sagrado’, como a Bíblia no caso do cristianismo (CONTIERO; SILVA, 2017, p. 120-121).

De acordo com (BERGER, 2017, p. 20), “o pluralismo é uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente”, constituindo um sentimento de tolerância e diversidade cultural e religiosa, em processo na sociedade brasileira. Mesmo frente aos avanços abolicionistas, a resistência dos negros contra a opressão e a escravidão, não vivenciaram, não se concretizaram — ainda —, as

esperanças advindas da Lei Áurea, que não se traduziu no que de fato, se destinava.

“[...] Os negros foram abandonados à própria sorte, sem a realização de reformas que os integrassem socialmente. Por trás disso, havia um projeto de modernização conservadora que não tocou no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação” (MARINGONI, 2011, p. 2).

A realidade foi bem diferente: a liberdade sob a pena da Princesa Isabel, prevaleceu de fato, os interesses oligárquicos, escravagistas, racistas e excludentes. A elite econômica albugínea não estava interessada em uma reforma ou justiça social, o modelo escravocrata no final do século XIX, tornou-se um entrave para o desenvolvimento econômico. Os escravizados libertos do tronco, amontoaram-se em morros e favelas, marcados não somente pela cor da pele, como também sob a pseudociência que buscava justificar, a inferioridade desses indivíduos pretos, frente a defesa do branqueamento da sociedade brasileira, com a chegada dos imigrantes europeus. O racismo, prevaleceu no abolicionismo, com raízes internas e externas, atestado no século XIX, com “teorias racialistas para justificar a superioridade intelectual, física e moral do europeu branco”, que pretendiam legitimar. Destaque para o conde francês (GOBINEAU, 1816–1882), que nessa perspectiva, os princípios burgueses defendidos de forma ardorosa, liberdade, igualdade e fraternidade entre brancos e que justificava a exploração, a escravidão e o massacre de outras etnias.

Portanto, manifestações culturais como as congadas — congado ou congo —, realizadas pelo Brasil, consiste em celebrações, expressões de agradecimentos e devoção do povo congolês aos seus governantes, inspirada no Cortejo aos Reis Congos. Segundo (LOPES, 2008, p. 80), “A cultura tradicional africana não conhece a arte voltada apenas para o prazer estético. Nela, a ação artística tem sempre uma finalidade concreta”. Festividades que revelam tradições, religiosidades, um mergulho cultural e histórico, da vitória da resistência negra, em oposição à opressão branca e escravagista.

A música, quase sempre em conjunto com a dança, para invocar e louvar divindades, em festejos e cortejos coloridos. Coreografados, a festa de preto, que o branco combateu, reprimiu, resistiu e depois, assimilou e absorveu. Manifestações populares, culturais, que indistintamente, abarca e abraça, credos, etnias e todos os

níveis sociais. Numa demonstração do quanto às diferenças religiosas e culturais, se interpõem nas mesmas celebrações, compartilhando e coexistindo no mesmo espaço, prevalecendo a tolerância e a diversidade, manifesta nos autos de fé, seus elementos simbólicos, a religiosidade na Festa do Rosário e na Congada.

Na congada, os ternos — grupos de dançadores de congo — animam por onde passam o cortejo, com muita dança, vários instrumentos, celeuma e uma irradiante alegria. Catopé ou “catupé”, dança mineira em cortejo, assemelhando-se à congada ou moçambique, em conformidade com (LOPES, 2015, p. 42). De acordo com (FREYRE, 2004, p. 383), “para eles, dos Congos, Cabindas e Angolas na costa ocidental da África, dos Macuas e Angicos, na oriental, provieram todos os africanos brasileiros”.

Compreendermos como tudo isso se manifesta em âmbito popular, secular, possibilitando uma compreensão à luz da Ciência das Religiões e da História das Religiões, contribuindo para um olhar assimétrico acerca das tradições de massa, as congadas e as religiões sincréticas afro-brasileiras. Em consonância com (KATRIB, 2004, p. 27), a “Congada se constitui em sua essência pela espiritualidade advinda de religiões africanas, como o Candomblé e a Umbanda”. Juntos — o catolicismo popular, o candomblé, a umbanda — rezam, cantam, dançam, pedem, agradecem e se entregam plenamente aos mesmos ritos, ao mesmo manto e a mesma devoção no Rosário. Pretos, brancos, mestiços, afortunados, miseráveis, imbuídos no mesmo sincrético auto de fé. A interculturalidade, tradições e as celebrações aos santos padroeiros.

“[...] em virtude do rico patrimônio cultural que lograram conservar, as religiões negras, especialmente a partir dos anos 60, reencontraram-se com a sociedade brasileira no campo das artes, fornecendo à cultura popular muito de seu repertório, que é convertido em arte profana para o consumo das massas, ganhando, em troca, reconhecimento e prestígio” (PRANDI, 1998, p. 155).

O aprofundamento nessas relações étnicas, o pluralismo latente nas manifestações religiosas e culturais, as interposições presentes nos ritos da festa, evidenciam a força da fé e da tradição. Nessa perspectiva da batida hipnotizante, a manifestação popular e a grandeza da religiosidade, manifesta nas práticas de toda celebração do auto à Nossa Senhora do Rosário.

Nas religiões afro-brasileiras o sincretismo é uma forma de relacionar o preto com o ibérico e o indígena, estabelecendo alianças, como os escravizados

aprenderam nas senzalas e nos quilombos. Mantendo elementos das tradições africanas, sem, contudo, “transformar naquilo que o senhor desejava” (REIS, 1996, apud FERRETTI, 1998, p. 195), ou fiquem “presos a modelos ideológicos excludentes” (MUNANGA, 1996, apud FERRETTI, 1998, p. 195).

A história cultural é de grande importância para o processo de construção da identidade de agentes e sujeitos sociais, em suas múltiplas ações e manifestações religiosas, políticas e culturais na fundamentação dessa pesquisa.

[...] A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto, já um significado e uma apreciação valorativa (PESAVENTO, 2003, p. 15).

Nesse sentido, ressalta (ANDRADE, 1935 apud CASCUDO, 2002, p. 301), “e, com efeito, até hoje se não faz parte da literatura católica, faz parte imprescindível da liturgia dos reis do Congo, de Moçambique, de Congada, acompanharem as procissões católicas, seguidos de seus súditos”, observamos a dinâmica litúrgica e os simbolismos, no contexto da mesma celebração religiosa. Seus fundamentos, o sagrado e o profano, alimentando todos os lados da Festa. Fenômenos religiosos, como afirmou:

A divisão do mundo em dois domínios que compreendem, um, tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com as coisas profanas (DURKHEIM, 1996, pp. 19-20).

O imponente legado cultural, a importância étnica africana; a tradição popular, a força da História Oral dos grandes guerreiros e chefes tribais; os anciãos, seu papel na preservação e na manutenção das tradições milenares nas comunidades e aldeias. Cultura transmitida oralmente e em todos os lugares; a importância das lendas e os mitos na construção da história dos povos da África; o iorubá e as inúmeras línguas e dialetos. As religiões de matriz africanas, a força e a grandeza de seus orixás, babalorixás, babalaôs e seus rituais, significativo no ecletismo religioso no processo de formação de cultural. Manifestações afro-brasileira, seu caráter de resistência, luta e auto de fé — visto por alguns senhores escravagistas com temor e preocupação — buscando manter vivas suas tradições da terra-mãe, um alarido

ensurdecedor e incômodo, que ecoavam das senzalas e das ruelas coloniais que não se rendiam. As congadas, simbiose cultural e religiosa, o culto à — Nossa Senhora do Rosário, São Benedito — ganharam força, notoriedade, devotos e grande importância nacional. Portanto:

Quando um historiador se propõe a trabalhar dentro do âmbito da História Regional, ele mostra-se interessado em estudar diretamente uma região específica. O espaço regional, é importante destacar, não estará necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico, podendo se referir a um recorte antropológico, a um recorte cultural ou a qualquer outro recorte proposto pelo historiador de acordo com o problema histórico que irá examinar. (BARROS, 2019, p. 152-153).

Com os bantos vieram os folguedos populares — as danças dramáticas e em cortejos —, manifestações culturais, os festejos das Congadas, o congado ou congo, tradição em algumas partes do Brasil — principalmente nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Mesmo tendo raízes na região Nordeste, consiste numa celebração, expressão de agradecimento do povo congolês aos seus governantes, inspirada no Cortejo aos Reis Congos. Portanto:

Seu tema básico é a luta (guerra) e para representá-la a dança é encenada por meio de autos populares, que correspondem a uma espécie de ópera, em que contam encenação própria, tendo cada participante um papel determinado (ALMEIDA, 2012, p. 23).

O Estado de Minas Gerais, possui forte tradição na manutenção dos festejos religiosos e sincréticos da Congada, com forte influência em Goiás, fruto do contato colonizador e o processo de interiorização. A presença dos afrodescendentes introduzidos na mineração em Goiás, com suas raízes culturais e religiosas, bem como, as tradições cristãs, de mineiros e paulistas.

Esta manifestação nasceu no Brasil, por volta do século XVIII, tempo em que ocorreram os primeiros registros históricos. Conforme Fernandes (2007), a Congada nasceu em 24 de junho de 1706, na vila de Iguaçu em Pernambuco, quando foi encenado pela primeira vez o auto dos Congos. [...] Tais aspectos permitem que se conjecture que a manifestação foi recorrente no Brasil em pelo menos três estados (Pernambuco, Espírito Santo e Minas Gerais) [...] (ALMEIDA, 2012, p. 23).

Aos poucos as congadas foram deixando de ser “exclusividade” de pretos, escravizados, forros — africanos e afro-brasileiros —, para se tornarem folguedos pluriétnicos, evidenciados pela diversidade cultural, religiosidade, etc. Das senzalas

à Casa-Grande; de “sobrados e mucambos” às mansões; de terreiros às catedrais; dos “quartos de despejos” à cultura nacional. Entre santos católicos e orixás, pajés e caboclos. Fundamental para compreendermos a necessidade de:

Admitir que cada povo possui a sua própria história, sua própria cultura, é o primeiro passo para a desconstrução de preconceitos que de um modo ou de outro — cultural, educacional, familiar, político, ideológico, científico — fomos ensinados a pensar negativo, o que levou e ainda leva muitos a imaginar que alguns povos são inferiores e outros superiores (BRASILEIRO, 2016, p. 22).

Em várias cidades mineiras, realizam os festejos em devoção à Nossa Senhora do Rosário, bem como à São Benedito e Santa Efigênia. Uberlândia, Dolores do Indaiá, Paracatu, Uberaba, Itapeçerica, Sabará, Ituiutaba, Belo Horizonte, entre outras, a Congada se faz presente para além das celebrações, fazendo parte do cotidiano cultural destas cidades. Ou seja:

Com efeito, as Congadas representam rememorações de reinados africanos por meio de festejos, festas, festividades onde estão incluídas as procissões, coroações, desfiles de apresentações dos Grupos, Guardas, Bandas ou Ternos; novenas, novenários, missas campais, almoços coletivos e outras atividades ligadas ao contexto da festa e o Congado como forma de organização sociocultural cotidiana dos grupos, uma manifestação cultural e social que acontece no decorrer do ano, independente da data em se realiza a festa da Congada (BRASILEIRO, 2016, p. 22).

As variações locais e as relações na dinâmica das celebrações, percebemos que de cidade para cidade, alguns elementos na composição das congadas — número de integrantes, de ternos, partícipes, visitantes — e a própria comemoração nos festejos, possuem singularidades e especificidades, características de cada região, de cada lugar e espaço. O culto em louvor à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, em alguns municípios, testemunhamos a ocorrência dos festejos, duas vezes ao ano — maio e outubro —, distoando de uma tendência predominante, de apenas uma festa ao ano, no mês de outubro.

Portanto, a diversidade acerca do universo religioso dos festejos populares pelo país, revelam a devoção, a pluralidade e a riqueza cultural brasileira. A resistência histórica, memória, patrimônio imaterial e o legado das raízes africanas, na cadência dos congos — Congadas — a estética e a ritualística nessas manifestações, em louvor à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Africanidades, tradições populares, aporte para a formação crítica e

consciência coletiva, identidade e novas narrativas. A compreensão de novos sujeitos, da interculturalidade, dos elementos étnicos, religiosos, que se interpõem nesses autos de fé, contribuindo no alicerce de uma sociedade mais justa, inclusiva e tolerante, abarcando dinâmicas, simbolismos, elementos imagéticos, dentro de uma mesma engrenagem cultural e social, preservando características específicas, singularidades e as subjetividades de cada uma. E em sua essência, contribua para o combate ao racismo estrutural, a intolerância religiosa e cultural, na perspectiva de uma sociedade pautada no respeito, políticas públicas afirmativas, consubstanciados como princípios basilares.

REFERÊNCIAS

- ALADRÉN, Gabriel. “O tráfico de escravos e a escravidão na América portuguesa”. In: ABREU, Martha, DANTAS, Hebe Mattos, (Org.): *O Negro no Brasil – trajetórias e lutas em dez aulas de história*. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva, 2012.
- ALMEIDA, Dulce Filgueira de. Corpo, Cultura e Sincretismo: o ritual da Congada. *Pensar a Prática*, vol. 15, n. 1, janeiro/março, 2012.
- BARROS, José D’Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História*. 10. ed. – 2015, 3ª. reimpressão, Petrópolis, Vozes, 2018.
- BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História – especialidades e abordagens*. 9ª. ed. – 2013, 4ª. reimpressão, Petrópolis, Vozes, 2019.
- BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Festa do Santo de Preto*. Rio de Janeiro, FUNAPE/Instituto Nacional do Folclore. Goiânia, UFG, 1985.
- BRASILEIRO, Jeremias. Coexistência Cultural e Religiosa nas Congadas de Minas Gerais. *Rascunhos*, vol. 3, n. 2, dezembro, 2016.
- CAMPOS, Maria das Dores. *Catalão: Estudo Histórico e Geográfico*. Goiânia: Bandeirantes, 1979.
- CARVALHO, Lúcia Teixeira & MENDONÇA, Maria Luíza Martins de. *Dançadores do Rosário*. São Paulo: Talento, 2018.
- CONTIERO, Tiago Tadeu, SILVA, César Agenor Fernandes da. *História da África*. Batatais, *Claretiano*, 2017.

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*. Vol. 2. 5. ed. - São Paulo: Global, 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa – O sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. *Horizontes Antropológicos*, ano 4, n. 8, junho, 1998.
- FONSECA, Dante Ribeiro da. As raízes do sincretismo religioso afro-brasileiro. *Revista Língua Viva*. Guajará-Mirim/RO, n. 1, vol. 2, jul./dez. 2012, p. 96-136.
- FREITAS, Madalena Dias Silva. Manifestações culturais como forma de resistência do negro brasileiro: Festa da Congada. *Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas*. Congresso Internacional de História, Jataí, set. 2016.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 49ª. ed. - São Paulo: Global, 2004.
- GIUMBELLI, Emerson. A presença do religioso no espaço público: modalidades do Brasil. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, n. 28, vol. 2, 2008, p. 80-101.
- JÚNIOR, Ademir Barbosa. *Para conhecer os Orixás Xangô*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.
- JÚNIOR, Ademir Barbosa. *Para conhecer o Candomblé*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.
- KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. *Nos Mistérios do Rosário: As múltiplas vivências da Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário – Catalão-GO (1936-2003)*. 2004, 27 p. Dissertação (Mestrado em História) — Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – Um Conceito Antropológico*. 13ª. ed. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- LOPES, Nei. *Dicionário Escolar Afro-Brasileiro*. 2ª. ed. – São Paulo: Selo Negro, 2015.
- LOPES, Nei. *História e Cultura Africana e Afro-brasileira*. São Paulo: Balsa Planeta, 2008.
- MACEDO, Robson Antônio. *Congada de Catalão*. 1ª. edição - Catalão, 2007.
- MARINGONI, Gilberto. História - O destino dos negros após a abolição. *Revista Desafios do Desenvolvimento*. Brasília, ano 8, ed. 70, 29 dez. 2011.

MORAIS, Mariana Ramos de. Festas do Rosário como Patrimônio: entre o vivido e a prática estatal. *Caderno CRH*, vol. 32, n. 86, maio/agosto, 2019.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 39, n. 1, 1996, p. 13.

ORTENCIO, Waldomiro Bariani. *Cartilha do Folclore Brasileiro*. Goiânia: UCG, 1996.

PESAVENTO, Sandra J. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PFEFFER, Renato Somberg. A contribuição do sincretismo brasileiro para a construção de uma ética global. *Conjectura: Filos. Educ*, vol. 18, n. 2, maio/agosto, 2013.

PIEVE, Stella Maris Nunes. Oro, Ari Pedro; Anjos, José Carlos Gomes dos. A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre: Sincretismo entre Maria e Iemanjá. *Debates do NER*, ano 14, n. 23, jan./jun. 2013.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. *Horizontes Antropológicos*, ano 4, n. 8, junho, 1998.

SILVA, Sandra Inácio da. *A Congada em Pires do Rio e Catalão: uma manifestação cultural*. 2016. 49 p. Dissertação (Mestrado em História) — Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

TYLOR, Edward. *Primitive Culture*. Londres: John Murray & Co., 1871. New York, Harper Torchbooks, 1958.

VAINFAS, Ronaldo (organizador). *Dicionário do Brasil Imperial (1822 – 1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

VIANA, Larissa. “Festas e irmandades negras no Brasil”. In: ABREU, Martha, DANTAS, Hebe Mattos, (Org.): *O Negro no Brasil – trajetórias e lutas em dez aulas de história*. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva, 2012.